

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
CAMPUS SENADOR HELVIDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS

MARIA MICHELI MONTEIRO DE ALENCAR

**A AQUISIÇÃO DA ESCRITA POR CRIANÇAS DE SEIS ANOS DE UMA ESCOLA  
PARTICULAR EM PICOS - PI**

PICOS  
2017

MARIA MICHELI MONTEIRO DE ALENCAR

**A AQUISIÇÃO DA ESCRITA POR CRIANÇAS DE SEIS ANOS DE UMA ESCOLA  
PARTICULAR EM PICOS - PI**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras Português, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito final para conclusão do curso.

Orientador: Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros

PICOS  
2017

## FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

**A368a** Alencar, Maria Micheli Monteiro de.

A aquisição da escrita por crianças de seis anos de uma escola particular em Picos-PI. / Maria Micheli Monteiro de Alencar- 2017.

54f

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Letras-Português)  
– Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2017.

Orientador (a): Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros.

1. Aquisição de Escrita. 2. Métodos de Alfabetização. 3. Educação Infantil.  
I. Título.

**CDD 410**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS  
Rua Cícero Duarte N° 905, Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
Fone: (89) 3422 2032

### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

Às 12:00 horas do dia 22 de fevereiro do ano de dois mil e dezessete, na sala 802, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, no *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos – PI, sob a presidência do Prof. Luiz Epit de Souza Barros, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia de autoria do aluno Maria Micheli Monteiro de Amorim, do curso de Letras desta Universidade com o título,

A aquisição da escrita por crianças de 6 anos de uma  
avala particular em prosa - pt. A

Banca Examinadora ficou assim constituída: Prof. Luiz Epit de Souza Barros (orientador – presidente), Prof. Luciana Maria de Aquino (1º examinador) e Prof. Líliã Brito da Silva (2º examinador). Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação do aluno pelo Presidente da banca, ocorreu a apresentação da monografia, seguido de questionamentos pelos membros da banca; finalizando, foram sugeridas algumas modificações e correções. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, tendo o aluno obtido às seguintes notas: 9,5 (Nove mil e 500) (EXTENSO); 9,5 (Nove mil e 500) (EXTENSO) e 9,5 (Nove mil e 500) (EXTENSO). Apuradas as notas verificou-se que o aluno foi aprovado com média geral 9,5 (Nove mil e 500) (EXTENSO). E para constar, eu, Luiz Epit de Souza Barros, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 22 de fevereiro de 2017.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Luiz Epit de Souza Barros  
Presidente

Luciana Maria de Aquino  
1º examinador

Líliã Brito da Silva  
2º examinador

MARIA MICHELI MONTEIRO DE ALENCAR

**A AQUISIÇÃO DA ESCRITA POR CRIANÇAS DE SEIS ANOS DE UMA ESCOLA  
PARTICULAR EM PICOS – PI**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras Português, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito final para conclusão do curso.

Aprovada em: \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

Banca Examinadora:

---

Presidente: Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros  
Universidade Federal do Piauí – UFPI  
Orientador

---

Avaliador 1: Prof.<sup>a</sup>. Ma. Luciana Maria de Aquino  
Universidade Federal do Piauí – UFPI

---

Avaliador 2: Prof.<sup>a</sup>. Ma. Lília Brito da Silva  
Universidade Federal do Piauí – UFPI

PICOS  
2017

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, quero agradecer a Deus por ter-me concedido chegar até aqui me fazendo forte, perseverante, durante essa caminhada. Em segundo lugar, quero agradecer ao meu pai José de Alencar Neto, por ser minha inspiração de cada dia, pelos conselhos, por ter sempre acreditado em mim, por ser minha base e por desempenhar tão bem o papel de pai e mãe, enfim, por ser o meu herói. Esta vitória eu devo a ti.

Também quero agradecer a minha irmã Kelly Alencar, por seu companheirismo, por seu amor sincero e por seu afago nos momentos tensos dessa jornada. Não poderia deixar de agradecer a algumas pessoas que conheci durante esse período do curso e que foram essenciais para que eu chegasse até aqui, entre elas, Rosilene Vieira, que, ao logo do tempo, se tornou uma irmã, agradeço por seus conselhos, por sua paciência.

À Luciana Dias, pelos momentos de alegria e descontração compartilhados. Às minhas amigas do curso, Pâmela Rocha e Renata Fontes, pelos momentos de alegria e companheirismos vivenciados durante todo esse tempo.

Ao meu professor orientador, Luiz Egito de Souza Barros, agradeço por seu exemplo como profissional e dedicação, paciência e incentivo nos momentos difíceis e acessibilidade durante todo o curso. Aos professores Fernanda Martins e Thiago Campos, pela dedicação e conhecimento transmitidos durante todo esse tempo, enfim, hoje só tenho a dizer muito obrigada a todos, pois sem vocês nada disso seria possível. Essa vitória não é minha, é nossa.

Não que, por nós mesmos, sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus.

(2 Coríntios 3:5)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os métodos usados no processo de aquisição da escrita dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental. Além disso, procuramos observar quais as metodologias que a professora usa no desenvolvimento do processo de alfabetização. Assim, Para o desenvolvimento deste trabalho, realizamos uma pesquisa de campo, no Colégio Decisão, localizada na cidade de Picos - PI, com o intuito de identificar se a professora tem conhecimentos dos métodos fônico e construtivista e qual ela utiliza na sua prática pedagógica. Para isso, utilizamos de um questionário, sendo direcionado para professora, além da análise de um auto ditado realizado pelos alunos como instrumentos para a coleta dos dados. Além da pesquisa de campo, realizamos uma pesquisa bibliográfica, tomando por fundamento os seguintes teóricos: Lemle (1991), Cagliari (2003), Capovilla (2004), Soares (2008), Teberosky (1999), entre outros, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa (2010). Os resultados obtidos não comprovam a nossa hipótese já que considerei que os professores utilizavam metodologias tradicionais e que estes não tinham embasamento teórico para desenvolver o processo de alfabetização adequadamente. Dessa forma a professora pesquisada resultado superou nossas expectativas, pois, diante de tudo que foi exposto chega-se a conclusão que a professora analisada consegue mesclar os dois métodos no processo de alfabetização, tanto o fônico que parte de unidades menores, fonemas e letras para as maiores, sílabas e palavras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aquisição da escrita; Métodos de alfabetização; Educação Infantil.

## **ABSTRACT**

The present work has as objective to analyze the methods used in the process of acquisition of the writing of the students of the 1st year of Elementary Education. In addition, we try to observe which methodologies the teacher uses in the development of the literacy process. Thus, for the development of this work, we conducted a field research, at the Decision College, located in the city of Picos - PI, in order to identify if the teacher has knowledge of the phonic and constructivist methods and which she uses in her pedagogical practice. For that, we used a questionnaire, being directed to a teacher, in addition to the analysis of a self-dictation carried out by the students as instruments for data collection. In addition to field research, we carried out a bibliographical research based on the following theorists: Lemle (1991), Cagliari (2003), Capovilla (2004), Soares (2008), Teberosky (1999), among others, National Curricular Parameters PCNs) of Portuguese Language (2010). The results obtained do not prove our hypothesis since I considered that the teachers used traditional methodologies and that these had no theoretical basis to develop the literacy process properly. In this way, the result of the teacher studied surpassed our expectations, because, in the face of all that was exposed, we conclude that the teacher analyzed can merge the two methods in the literacy process, both the phonic that starts from smaller units, phonemes and letters to The largest, syllables and words.

**KEYWORDS:** Acquisition of writing; Literacy methods; Child education.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>P. 09</b>
<b>CAPÍTULO 1.O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA EM CRIANÇAS DE SEIS ANOS DE IDADE.....</b>	<b>P. 11</b>
1.1. O processo de aquisição da escrita.....	P. 11
1.2. Como a criança desenvolve a consciência fonológica? Um olhar para os métodos analítico e sintético.....	P. 14
1.3. O domínio da escrita.....	P. 19
<b>CAPÍTULO 2. METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>P. 24</b>
2.1. Análise de dados e resultados.....	P. 26
2.2. Análise das atividades dos alunos.....	P. 30
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>P. 34</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>P. 36</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>P. 38</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>P. 42</b>

## INTRODUÇÃO

Pensar uma pesquisa sobre aquisição da escrita é, talvez, proporcionar novas possibilidades para o trabalho do alfabetizador, diante da realidade observada e vivenciada durante o estágio. Assim, o que impulsionou esta pesquisa foram as observações feitas a partir do trabalho como auxiliar de classe na Educação Infantil de uma escola particular, em especial na turma do primeiro ano, na qual as crianças estavam em ciclo de alfabetização, onde vivenciavam a fase da aquisição da escrita.

Naquela escola algumas situações chamaram minha atenção, como a dificuldade que algumas crianças manifestavam no processo de aquisição da escrita, que, até certo ponto, são comuns, uma vez que as mesmas ainda estavam se familiarizando com o código linguístico. Contudo, o meu olhar se voltou principalmente para o professor e sua metodologia em sala de aula, pois quando este é bem preparado e faz uso de metodologias adequadas, pode facilitar o processo de aprendizagem dos alunos.

Nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo analisar como vem sendo desenvolvido o processo de aquisição da escrita em crianças de seis anos de idade, em uma escola da rede particular de ensino, o Colégio Decisão, localizado na cidade de Picos-PI. A temática que rege esse trabalho é Identificar quais os métodos utilizados pelos professores dessa Instituição no processo de alfabetização, analisando como esses métodos têm refletido na aprendizagem dos alunos na Educação Infantil, levando em consideração a aquisição da escrita, tendo por base os seguintes questionamentos: quais os métodos utilizados pelos professores da instituição no processo de alfabetização? Como esses métodos têm refletido na aprendizagem dos alunos, levando-se em consideração a aquisição da escrita?

A realização desta pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender e encontrar resultados que expliquem as dificuldades enfrentadas pelos professores de língua materna em desenvolver uma metodologia que vá ao encontro da necessidade de seus alunos, sendo que, o principal objetivo é analisar os melhores métodos que os professores possam adotar, para aperfeiçoar o processo de aquisição da escrita de seus alunos.

Sendo assim, a justificativa para a construção desse trabalho com essa temática está no fato de que cada vez mais se percebe uma deficiência no que se

referem aos métodos adotados no processo de alfabetização. Dessa forma, o ensino infantil nesse município merece uma atenção mais especializada, com profissionais com formação pedagógica de qualidade, para que assim seja possível alcançar eficácia e efetividade do ensino e aprendizado realizado na sala de aula.

Todavia, uma pesquisa como esta se faz necessária para sanar junto ao campo de professores das séries iniciais, em especial, os da escola em que a pesquisa foi realizada, oriunda de rede particular, sobre a formação docente que possuem para a ocorrência de uma prática regencial escolar satisfatória entre o alunado.

Logo, a relevância desse trabalho é desenvolver uma pesquisa que vá beneficiar os alunos analisados, dar suporte ao professor para que o mesmo possa desenvolver métodos ou projetos pedagógicos que trabalhem a escrita como apoio para alfabetização, visto que, o ensino deve desenvolver a competência de leitura dos alunos.

Por fim, a presente monografia tem por finalidade abordar como vem sendo desenvolvido o ensino na primeira série do Ensino Fundamental, tendo em vista que a escola é a principal agenciadora do letramento e assim exercem influencia sobre a formação do individuo. Partindo dessa temática, surge à preocupação por minha parte como futura educadora em investigar como a escola em estudo atua em relação aos métodos adotados no processo de alfabetização, seja através da oralidade ou da escrita, tendo em vista que os alunos provêm de realidades diferentes as quais vivenciam.

## **CAPÍTULO 1**

### **O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA EM CRIANÇAS DE SEIS ANOS DE IDADE**

Para aprender a ler e a escrever é preciso apropriar-se desse conhecimento, através da reconstrução do modo como ele é produzido. Isto é, é preciso reinventar a escrita. Os caminhos dessa reconstrução são os mesmos para todas as crianças, de qualquer classe social.

(Emília Ferreiro)

Este capítulo explicita como vem ocorrendo o processo de aquisição da escrita e como é estimulado, na criança, o desenvolvimento da consciência fonológica, através do método analítico ou sintético, e quais as interferências do nível de consciência fonológica no processo de aquisição do código escrito.

#### **1.1. O processo de aquisição da escrita**

No Brasil ainda se faz presente o método da cartilha ou método silábico como concordam alguns estudiosos, sendo eles: Emília Ferreiro (1999), Ana Teberosky (1999), Mary Kato (1985), Fernando Capovilla (2004), Alessandra Capovilla (2004), Magda Soares (2008). Essa questão vem se tornando um problema de grande escala, pois o número de analfabetos funcionais vem aumentando e as crianças fracassam na maioria das vezes por não desenvolverem a consciência fonológica explícita e sistemática.

Algumas crianças demoram a perceber que as letras representam os sons, ou seja, não desenvolvem a consciência grafo-fonêmica, que é uma etapa subsequente ao desenvolvimento da consciência fonológica, sendo que, no início da aquisição da escrita, associam riscos (garatujas) às palavras pronunciadas. Deste modo, inicialmente as mesmas percebem as letras como rabiscos (borrões), sem formas definidas, mas, com o decorrer do tempo, vão ganhando formas e sentidos. Com relação a esse processo, é interessante ressaltar que, para aprender a escrever “a criança precisa saber que, ao fazer uma descoberta básica, ela pode desenhar não apenas coisas, mas também a fala” (VYGOSTKY, 1991, apud KATO, 1990, p.16). Desse modo, podemos compreender o porquê de a aprendizagem da

fala se dar de forma natural no contexto social, em especial no familiar, por meio dos estímulos e das interações que a criança cria desde o nascimento.

Com relação à aquisição da escrita, podemos afirmar que esta é mais complexa, pois em muitos casos a criança não tem contato com a mesma e não recebe os estímulos necessários para desenvolvê-la. Sendo assim, ela acaba não fazendo parte da realidade da criança, visto que, a mesma entra em contato com a escrita apenas na escola. Por isso esse processo exige mais empenho por parte da mesma, já que a escrita é adquirida através do treino contínuo.

Assim, para a criança chegar à escrita, fase de formulação e junção de sílabas, por meio de símbolos, ela irá passar por algumas fases que são: a pré-silábica, a silábica e a escrita. Sendo que, na fase pré-silábica a criança não estabelece uma relação entre fala e a escrita, já a fase silábica a criança começa a relacionar, ou ter uma noção das relações existentes entre a pronúncia e a escrita, logo, na terceira fase, ou fase escrita, ela já tem que estabelecer uma relação entre escrita e fala.

Assim, para o domínio da escrita, será preciso percorrer um longo processo, que vai desde a coordenação motora até o despertar da sua compreensão em relação ao funcionamento do sistema de escrita.

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a sealfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita (FERREIRO, 1999, p.23).

Partindo desse pensamento, o professor que trabalha nas séries iniciais precisa criar um ambiente acolhedor e desenvolver atividades lúdicas. Não se trata de ensinar a criança a memorizar ou apenas a decodificar, mas despertar nela o desejo de querer aprender, de desenvolver sua criatividade e habilidades de descobrir e criar, bem como a de se relacionar e buscar soluções para determinada problemática que lhe foi atribuída. Fazer leitura de histórias que chamem a atenção dos alunos, dado que alguns podem estar tendo o primeiro contato com o mundo da leitura, já que existem casos de crianças que partem de um meio não letrado e que têm pais analfabetos, sendo que isso pode ser um dos quesitos que dificulta essa

interação com a leitura. Com isso, acabam estranhando o mundo da escrita e da leitura.

Nesse sentido, o professor precisa desenvolver a consciência fonológica, que segundo Capovilla (2013):

A consciência fonológica refere-se tanto à consciência de que a fala pode ser segmentada quanto à habilidade de manipular tais segmentos, e se desenvolve gradualmente à medida que a criança vai tomando consciência do sistema sonoro da língua, ou seja, de palavras, sílabas e fonemas como unidades identificáveis.

Levando-se em consideração essa ótica, a consciência fonológica é a capacidade, habilidade de reflexão consciente e parte de palavras, sendo que, de início as crianças já possuem a sensibilidade fonológica (associam os sons de palavras que são semelhantes na grafia, como: caminhão, balão, que são semelhantes no final; e como: papai, panela, que são semelhantes no início). Logo, essa consciência não será suficiente para que a criança desenvolva a escrita, para isso será necessário que o professor em sala de aula desenvolva a consciência explícita, que é a relação entre letras e sons, sendo que, essa consciência só será desenvolvida através do treino contínuo feito através de exercícios.

Sendo assim, existem também aquelas crianças que antes mesmo do contato com escola, já foram apresentadas ao universo da escrita e da leitura, ou seja, já conviviam constantemente com estas práticas. Assim, a escola servirá como uma forma de aperfeiçoamento, tendo em vista que o processo de aquisição da escrita foi feito muito antes de sua inserção no ambiente escolar.

No momento em que a criança chega à escola, tudo é novo, com isso o ambiente causa estranheza. Entretanto, cabe ao professor proporcionar um local aconchegante e motivador para o ensino e aprendizagem do educando. Enfatizamos ainda que o profissional da educação infantil é responsável por desenvolver, entre outras competências, a psicomotricidade. Nas palavras de Barroso (2007, p.12) “a psicomotricidade é um termo empregado para uma concepção de movimento organizado e integrado em função das experiências vividas pelo sujeito cuja ação é resultante de sua individualidade, sua linguagem e sua socialização”.

Entende-se que o professor da educação infantil trabalhará a psicomotricidade a fim de desenvolver a cognição das crianças e, com isso,

melhorar a aprendizagem. Tendo em vista, que a psicomotricidade está interligada às práticas lúdicas, afetivas, motoras e cognitivas, trabalhando essa prática de ensino a criança estará superando medos, frustrações e alguns déficits, como o da atenção. Assim, o desenvolvimento da psicomotricidade irá proporcionar um melhor desenvolvimento social.

As crianças necessitam de um ensino favorável, sem conflitos e frustrações, pois o professor tem que estar preparado para compreender que o ser humano é corpo e mente. Sendo assim, é necessário que se trabalhe de uma forma geral todos os componentes que envolvem o processo de alfabetização.

Le Boulch (1988, apud, FONSECA) acredita que:

o domínio da língua escrita está relacionado a um conjunto de condições diversificadas, como o domínio da linguagem ( com a pronuncia de diferentes fonemas ) a familiarização global com o código da escrita ( representação mentais) e as ações para a escrita é que inicia com os desenhos e letras ainda desajustadas, que são as condições psicomotoras que envolvem a coordenação lateral, lateralização, assim como o controle espaço temporal. A leitura e a escrita, para esse teórico, é um prolongamento da educação psicomotora.

Neste sentido, a psicomotricidade está interligada as práticas corporais, ou seja, os movimentos que facilitam a orientação espaço temporal. Sendo assim, na escrita a psicomotricidade é essencial. Visto que, para desenvolver a escrita a criança precisa ter a coordenação motora trabalhada, para só assim, poder ter o domínio da grafia. Dessa forma, para chegar ao nível da escrita, ela precisa ter passado por um longo processo de desenvolvimento, em relação à coordenação motora, já que, a mesma se subdivide em níveis, entre eles a coordenação motora fina, que é o ultimo estágio desse processo. Nessa fase a criança já consegue executar tarefas mais minuciosas como: traçar um risco, pintar, recortar.

## **1.2. Como a criança desenvolve a consciência fonológica? Um olhar para os métodos analítico e sintético**

A escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural resultado do esforço coletivo da humanidade. Como objetivo cultural, a escrita cumpre diversas funções de existência.

(Emília Ferreiro)

Para entendermos os métodos analítico e sintético, precisamos entender o que é a consciência fonológica, ou esse método fônico, no processo de alfabetização. Para Capovilla(2004), Ferreiro e Teberosky(1999), o processo de alfabetização, por meio do método fônico, consiste em aprender através da decodificação dos fonemas, ou seja, aprender a decifrar cada fonema individualmente através do som, para depois formar sintaticamente a estrutura das palavras.

Diferentemente do método construtivista, em que a alfabetização é feita através do texto, isto é, da decodificação das palavras silabicamente, sem levar em consideração a estrutura fonológica das sílabas, o método fônico é mais inovador, apresentando um trabalho mais minucioso que parte de uma análise sintática mais detalhada na construção do sentido e da escrita sintática das palavras, sendo que essa é a parte mais importante nesse primeiro momento de aquisição da escrita.

No que concerne aos métodos de escrita segundo Ferreiro e Teberosky (1985, p.18) a preocupação dos educadores tem-se voltado para a busca do melhor ou do mais eficaz dos métodos, utilizando dois dos principais deles que são: método sintético e método analítico. O sintético baseia-se no pressuposto, compreendendo o sistema de escrita como a junção das unidades menores, estabelecendo uma relação entre fala e escrita. Para o método analítico considera-se o oposto ao sintético, o mesmo concebe a leitura como ato global fazendo a utilização das unidades maiores para as menores por meio de uma análise da composição.

Na perspectiva de Ferreiro e Teberosky, o método sintético preserva a correspondência entre o oral e o escrito, entre som e a grafia. O que se destaca neste método é o processo que consiste em partir das partes do todo, sendo letras os elementos mínimos da escrita. “O método analítico insiste no reconhecimento global das palavras ou orações; a análise dos componentes se faz posteriormente” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p.19).

Mais tarde, Ferreiro(2000, p.31) afirma que “nenhuma pratica pedagógica é neutra, ou seja, todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem”. Desse modo, um método não neutraliza necessariamente o outro.

Segundo Capovilla (2005, p.56):

Tradicionalmente, os métodos costumavam ser classificados em analíticos e sintéticos. Essa distinção se apoiava na ênfase e na direção dada ao ensino. Os métodos sintéticos seguiam da parte para o todo [...]. Os métodos analíticos seguiam do todo para as partes.

Os embates em torno desses dois métodos continuaram, apesar de que, em ambos os casos, “a própria terminologia enfatiza a centralidade da decodificação em qualquer processo da alfabetização” (CAPOVILLA, 2005, p.56). Todavia, embora houvesse o uso frequente desse “método misto”, o método sintético continuava a ser o mais utilizado entre os professores.

Segue a baixo o quadro que representa os métodos sintético e analítico a partir das teorias de Capovilla.

**Tabela 1**

<b>Método sintético</b>	<b>Método analítico</b>
Consiste em sintetizar sequências, dados ou átomos componentes; o método de recitação do bê-á-bá encaixa-se nesse tipo; mostrar primeiro as letras e ensina-las correspondências com sons e depois ensinar o compor com elas as sílabas e palavras.	Parte das sequências completas, sendo a tarefa analisa-los e identificar os átomos; mostrar primeiro palavras ou frases e ensinar a identificar nelas as unidades componentes as letras e os sons que ele correspondem.

Assim, notamos que o método fonológico é produtivo e exige muito do professor, pois este tem que trabalhar a partir do fonema até chegar a sílaba. Por isso, este deve dispor de um embasamento teórico da língua no que se refere à estrutura e formação das palavras, e ainda, ter a sensibilidade fonológica em relação às habilidades que as crianças têm que desenvolver que são três: a palavra, a sentença e o texto. Por isso, o professor tem que trabalhar a questão da percepção auditiva, pois, como destaca Lemle (199, p.8) “[...]se as letras simbolizam os sons da fala, é preciso saber ouvir diferenças linguisticamente relevantes entre os sons, de modo que se possa escolher a letra certa para simbolizar cada som”.

Segundo Moraes (2012, p, 131) “insistimos: consciência fonológica envolve também a análise de sílabas, de rimas e de palavras dentro de palavras, construindo, portanto, algo bem mais amplo que a consciência fonêmica”. Portanto,

para o desenvolvimento de uma consciência fonológica é necessário considerar o método fônico dentro do processo de alfabetização, porque, quando a criança não é alfabetizada a partir desse método, esta pode sentir muitas dificuldades. Por exemplo, a criança observa as palavras e acaba pensando que são apenas desenhos.

Ainda segundo Morais (2012, p, 31):

O método fônico considera que a capacidade de segmentar as palavras em sequências de fonemas é algo pouco complexo, do ponto de vista cognitivo, e que, sem pronunciar tais fonemas isoladamente, as crianças não se alfabetizariam 'da melhor maneira'. Como os fonemas seriam unidades naturais para as crianças, em suas mentes elas poderiam isolar, adicionar ou subtrair tais unidade.

Nesse sentido, as crianças acabariam decodificando ao invés de aprender. Agora que entendemos a importância da consciência fonológica estudaremos os métodos analítico e o método sintético.

Assim, como explica Teberosky (1999, p.21), "o método analítico insiste no reconhecimento global das palavras ou orações; a análise dos componentes se faz posteriormente". Sendo assim, o professor alfabetiza a partir do texto, considera o todo, porém não leva em conta as unidades mínimas das palavras -os fonemas- e sem desenvolver a consciência fonológica. Em alguns casos, esse método vem deixando lacunas no processo de alfabetização, pois, quando a criança não percebe individualmente cada fonema e sua função sintática em cada palavra, sentirá dificuldade e, caso não haja uma intervenção nesse primeiro momento, essa dificuldade se refletirá na vida dos nossos futuros leitores.

Já em 1999 surge o método sintético, por meio dos estudos realizados por Alessandra Capovilla e Fernando Capovilla, que apontaram que os métodos construtivistas e o tradicional não têm sido eficazes dentro do processo de alfabetização. Assim, propõem como proposta de ensino o método sintético, visto que o mesmo:

preserva a correspondência entre o oral e o escrito, entre som e a grafia. O que se destaca neste método é o processo que consiste de uma aprendizagem a partir das partes para o todo, sendo as letras os elementos mínimos da escrita (FERREIRO e TEBEROSKY, 1985, p.19).

Para entendermos melhor, o quadro abaixo faz uma comparação entre os dois métodos.

**Tabela 2**

<b>Método Analítico</b>	<b>Método Sintético</b>
Tem como base a palavra ou unidades maiores; e o método com base na cartilha; construtivista.	Parte de elementos menores que a palavra; insiste, fundamentalmente, na correspondência entre o oral e o escrito, entre o som e a grafia; estabelece a correspondência a partir dos elementos mínimos, num processo que consiste em ir da parte ao todo.

Esse pensamento vem ressaltando a forma de se trabalhar a partir do método sintético. O processo fônico em que analisamos cada fonema individualmente para, a partir dele, montar uma estrutura sintática das palavras. Esse método já é adotado em alguns países, como Estados Unidos, pois os estudiosos acreditam ser mais eficiente, uma vez que é o estudo minucioso das estruturas das palavras e, com isso, torna o aprendiz um usuário fluente de sua língua materna.

O desenvolvimento da consciência fonêmica requer experiências, ou seja, instruções formais que explicitem as regras de mapeamento dos sons da fala na escrita alfabética. Logo, o desenvolvimento da consciência fonêmica requer instruções fônicas. Assim, para que consiga ser capaz de identificar fonemas individuais, a criança precisa receber instrução explícita sobre a correspondência entre os elementos fonêmicos da fala e os elementos grafêmicos do texto. (JENKINS; BOWEN, et al apud CAPOVILLA; SEABRA, 2010, p.79)

Em alguns casos ainda há uma grande separação da teoria articulada com prática (*práxis*). Percebemos isso quando os profissionais recém-formados chegam ao seu ambiente de trabalho e se deparam com uma realidade totalmente diferente daquela até então imaginada, sendo que muitos não conseguem interligar as práticas com as teorias e, na maioria das vezes, o próprio sistema impede que os professores possam trabalhar da forma que almejam. Sendo que, na concepção de Morais (2012, p, 131) para a escola desenvolver uma educação de qualidade, seguindo os métodos construtivistas, ela precisa desenvolver os seguintes itens:

a) Formar pessoas não conformistas, críticas, que lutam por seus direitos; b) Formar pessoas que não só repetem, mecânica ou ordeiramente, o que lhes é transmitido, mas que criam ou recriam

conhecimentos e formas de expressão;c) Formar pessoas que se regem por princípios éticos de justiça social, de redução das desigualdades socioeconômicas, de respeito à diversidade entre os indivíduos, grupos sociais e povos; d) Formar pessoas respeitando suas singularidades, seus ritmos de aprendizagem, e levando em conta em quê, especificamente, necessitam ser ajudadas, para que possam avançar em suas aprendizagens.

Nessa perspectiva, o método construtivista seria o ideal, visto que, iria atingir todas as necessidades dos alunos nesse primeiro momento, sem deixar nenhuma lacuna mediante ao processo de aquisição da escrita.

### 1.3. O domínio da escrita

A descoberta da escrita foi dividida em dois tempos: a Pré-história e História das Civilizações. Desde a descoberta da escrita até os dias atuais, o homem deixou suas inscrições. Sobre isso, Charles Hiougnnet faz uma observação plausível em relação à escrita, o mesmo denomina de “triângulo” entre a história, a escrita e o homem. Assim, a escrita determinou a separação de dois mundos:

Segundo Cagliari (p.109,2006):

A escrita seja ela qual for sempre foi à maneira de representar a memória coletiva religiosa, mágica, científica, política, artística e cultural. A invenção do livro e, sobretudo, da imprensa são grandes marcos da história da humanidade, depois é claro, da própria invenção da escrita. Esta foi passando do domínio de poucas pessoas para o público em geral. O seu consumo é mais significativo na forma de leituras do que na produção de textos.

Sendo assim, a história da escrita, como preconiza Cagliari (2006, p. 106), possui três fases: “a pictórica, a ideográfica e a alfabética”. “A pictórica é identificada pelo ato de escrever ser feito por meio de desenhos ou pictogramas, que se associam a imagens que se queira representar”. Essa fase remete ao início do domínio da escrita nas civilizações antigas.

A fase ideográfica se associa a desenhos chamados ideogramas. Estes desenhos, de acordo com Cagliari (2006), representavam letras e foi por meio desses desenhos que surgiu a outra fase: a alfabética, que simplificou os desenhos da fase ideográfica. Mas alguns desenhos estão presentes no nosso sistema de escrita até hoje, como os sinais de pontuação e os números. Por exemplo, a letra

“O” era representada antes por um olho e a letra “A” era representada pela cabeça de um boi (CAGLIARI, 2006).

O sistema de escrita do português, como já vimos, usa vários tipos de alfabeto; apesar disso não é totalmente alfabético, usando, além das letras, outros caracteres de natureza ideográfica, como os sinais de pontuação e os números (CAGLIARI, 2003. p.117). Assim, ao longo do tempo a humanidade criou diversos sistemas de comunicação, sendo que, com o passar do tempo essas formas de se comunicar através de símbolos gráficos foram ganhando formas definidas e se transformando no alfabeto que conhecemos hoje, o português, mas no mundo atual ainda possuem outros sistemas como o chinês, os japoneses. Dessa forma, a escrita é um bem cultural constituída historicamente e produzida, para representar as ideias, e sentimentos de um povo “[...] a escrita começou a existir no momento em que o objetivo do ato de representar pictoricamente tinha como endereço a fala e como motivação fazer com que através da fala o leitor se informa-se a respeito de alguma coisa” (CAGLIARI, 2003p.105).

Logo, o sistema de escrita pode ser baseado em dois princípios: a) com base no significante (fonográfico); b) com base no significado (ideográficos). Nesse sentido, a estrutura das palavras possuem sistemas como o ideográfico Mandarim e o fonográfico, os quais vêm sendo representados por alfabético, que, por sua vez, é a letra representando o som silábico, letra representando sílaba e o morfológico, e, por fim, letra representando a palavra. Assim, possuem diferenças nas formas de representação gráfica, pois, nem sempre as pessoas do passado conseguiam manifestar suas ideias através dos símbolos e dos pictogramas, visto que, apenas alguns desenhos poderiam representar as ideias.

Sendo assim, o sistema fonográfico alfabético representaria o som, o silábico era o consenso entre letra e som, e o morfológico seria a harmonia das siglas e letras da palavra. Destarte, com o decorrer do tempo as figuras pictográficas que representavam as ideias, passaram a representar os sons da fala, dessa forma, o alfabeto representa o som da fala e a ortografia o significado. A escrita pictográfica pode ser considerada como a de maior importância nos sistemas de escrita atual, visto que, a mesma apesar de milênios de sua evolução ainda se faz muito presente como, por exemplo, nas placas de trânsito.

A escrita silábica é uma junção de vogal com consoante, as quais se combinam para formar a sílaba (silabismo), sendo que, ainda, existe a escrita etopi

que, por sua vez, é uma representação da escrita alfabética, logo, a escrita alfabética e fonética possuem unidades menores chamados de fonemas, os mesmos são unidades dotadas de sentido.

Em seguida, surge à representação mais próxima do alfabeto, e aos poucos foram ganhando destaque culminando na tradução de escritos do Antigo Testamento. Notamos que até esse momento o alfabeto não estava desenvolvido conforme o atual. O alfabeto utilizado atualmente deriva dos fenícios que o criou contendo 22 letras.

Segundo Cagliari, (2006, p.109):

A fase alfabética se caracteriza pelo uso de letras. Estas tiveram sua origem nos ideogramas, mas perderam o valor ideográfico, assumindo uma nova função de escrita: a representação puramente fonográfica. O ideograma perdeu seu valor pictórico e passou a ser simplesmente uma representação fonética

Nesse sentido, a escrita é a forma do ser humano expressar simbolicamente sua fala, é através dela que o homem deixa seus registros de forma mais clara. Desse modo, com o domínio da escrita difundem-se as negociações agrocomerciais. Segundo Levy a escrita foi transcorrendo no tempo e no espaço por meio de uma cronologia.

A escrita abriu um espaço de comunicação desconhecido pelas sociedades orais, no qual tornava-se possível tomar conhecimento das mensagens produzidas por pessoas que encontravam-se a milhares de quilômetros, ou mortas há séculos, ou então que se expressavam apesar de grandes diferenças culturais ou sociais (LÉVY, 2000, p. 114).

A civilização dominou a escrita, logo sua principal função foi atrelada a contabilidade e a administração, uma vez que, era preciso possuir domínio da escrita, para que houvesse as transações comerciais. Então, verificamos que a escrita possibilitou ao homem sua plena evolução desde as leis até as ciências. Embora, a escrita “cuneiforme” estivesse atrelada aos Sumérios, foram os egípcios que fizeram a redefinição da escrita, por isso estes possuíram um domínio maior.

Segundo Kato(1985,p. 7):

Embora existam muitas lendas em torno da origem da escrita, os linguísticos, hoje, partilham de uma crença comum de que a escrita desenvolveu-se gradativamente de pictograma para o ideograma e/ou

para o fonograma. O primeiro tem uma natureza estritamente icônica, isto é, há uma relação não arbitrária entre o objeto e sua representação. Os sinais de trânsito utilizados hoje podem ser considerados como exemplo de uma linguagem pictográfica.

Nesse sentido, podemos estabelecer uma relação entre o surgimento da escrita e o seu processo de aquisição desenvolvido pelas crianças, dado que, inicialmente as crianças não possuem uma consciência grafêmica, ou seja, ela não consegue elaborar sentenças, apenas faz associações de formas implícitas.

[...] nesse sentido, a criança parece estar 'bioprogramada' para percorrer em sua vida o mesmo caminho percorrido pelos seus ancestrais através dos tempos, sendo a existência das etapas desse percurso dependente também da existência de estímulos ambientais. (KATO, 1985, p.8).

Dessa maneira, o professor que trabalha nas séries iniciais, momento em que o processo de alfabetização é desenvolvido, deve fazer uma sondagem para analisar os conhecimentos que seus alunos já possuem sobre a escrita. Consideramos essa ação muito significativa, já que a reconstrução de conhecimentos anteriores é fundamental para a evolução da aprendizagem. Como explicita Ferreiro e Teberosky (1985, p.8):

[...] nos primeiros contatos da criança com textos ilustrados, a criança ainda não diferencia da função do texto a da figura, achando que está última também é lida. A ilustração é vista com função pictográfica pela criança. Levine mostra que as crianças, aos três anos, já rejeitam figuras e desenhos como escrita. Porém, mesmo depois de passada essa fase pictográfica, a criança atribui ainda, segundo Ferreiro, certo valor icônico à escrita.

Sendo assim, no momento que a criança chega à escola caberá ao professor estabelecer metodologias que possam fazer com que haja uma maturação, dessa consciência grafo-fonêmica, já que, para chega ao estágio da escrita ela vai percorrer um longo processo, que, para ser desenvolvido com êxito, precisa passar por algumas fases. Sendo que na perspectiva de Nogueira e Silva(2014):

Fica perceptível que toda e qualquer criança passa por esses cinco níveis até alcançar essa complexidade da escrita, e cada uma tem o seu próprio ritmo de transição de um nível a outro, o que deve ser atentado pelos alfabetizadores, pois um grande erro presente na educação é a falta de conhecimento por parte dos docentes, em que

desconhecem que cada criança possui as suas próprias necessidades e dificuldades, e que deve ser levado em conta, já que nem todas aprendem com a mesma facilidade.

Nesse sentido, o processo de aquisição da escrita se torna complexo, visto que muitos são os fatores que precisam ser criados para que esse processo seja desenvolvido com êxito. Que vão desde uma metodologia que se adeque ao aluno, a materiais didáticos. Nessa perspectiva, Guaresi(2009) explica que:

[...] o processo de aprendizagem da escrita envolve, entre outros aspectos, a integração viso-espacial, ou seja, visualizar o que está sendo apresentado, localizar o lápis, acomodá-lo de forma satisfatória na mão, direcioná-lo ao caderno e iniciar a sequência de movimentos numa tentativa de escrita. Com o tempo e o reforço das redes sinápticas correspondentes, este processo será automático, ou seja, não precisará de monitoramento cerebral constante para execução da tarefa e a criança terá condições de aumentar o nível de complexidade.

Observa-se que, no processo de alfabetização, o grande desafio das crianças é entender o alfabeto como representantes da linguagem. Portanto, nas atividades como uso do ditado de palavras móvel é importante o professor fazer uso de ilustrações, visto que a construção da escrita representa uma construção de interação entre a criança e o meio.

## CAPÍTULO 2

### METODOLOGIA DA PESQUISA

A escola selecionada para o desenvolvimento dessa pesquisa foi o colégio Decisão, localizada em Picos - PI, sendo que, o que impulsionou essa pesquisa foi o fato de eu ter trabalhado na referida instituição, e pelo convívio diário que tive com as crianças que estão nesse processo de aquisição da escrita.

A fim de diagnosticar como vem sendo trabalhado o ensino da escrita para crianças de seis anos, fez-se necessária a realização de uma pesquisa qualitativa, por meio da aplicação de um questionário à professora e de provas aos alunos do 1<sup>a</sup> ano do Ensino Fundamental I.

Godoy (1995, p.58) diz que:

Pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

Foi desenvolvida uma pesquisa exploratória, de abordagem predominantemente qualitativa, em que foi observada e analisada a metodologia aplicada pela professora da referida série, buscando identificar, nessa metodologia, marcas das teorias de alfabetização, a saber: fônica e construtivista. O presente trabalho apresenta como sujeitos da pesquisa, a professora e os alunos. As fontes de pesquisa se constituem basicamente de livros, que trazem a fundamentação legal, revistas, artigos, referentes ao tema abordado.

Levando em conta as informações referidas, após a coleta dos dados, fez-se um estudo onde foram analisadas provas aplicadas aos alunos pesquisados em geral a respeito dos métodos desenvolvidos no processo de alfabetização. Diante disso, elaboradas as prescrições e redigidas ao corpo textual, que, por sinal, são fundamentais ao embasamento do tema.

Assim, no primeiro momento buscamos analisar a concepção que a professora tem sobre os métodos utilizados nos processos de alfabetização, depois foram aplicadas atividades aos alunos, sendo que, buscando embasamentos teóricos necessários para o trabalho, realizamos a pesquisa bibliográfica, recorrendo

a alguns teóricos como: Cagliari (2003), Morais (2003,2010), Kato (1985), Capovilla (2004), Lamprechet (2004), para dar os fundamentos necessários para a mesma. Nesse sentido, o alvo principal dessa pesquisa foi analisar os métodos adotados pela professora e verificar, através de análise, se esse método é o mais adequado ou não e se está contemplando necessidade dos alunos nesse primeiro momento de aquisição da escrita.

“O método qualitativo de pesquisa atrelado ao uso das entrevistas estruturadas em questionários possibilita uma investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas” (GIL, 2002, p.129). O material recolhido na pesquisa, o corpus, foi analisado sob a ótica de autores, como Cagliari (2003) que vem afirmando que “o objetivo desta análise de erros não é só mostrar porque as crianças os cometem, mas também oferecer aos professores uma amostragem que lhes possa ser útil na análise dos erros contidos nos textos de seus próprios alunos” o erro revela o que a criança já sabe. Mediante essa visão, pode-se estabelecer uma análise de dados que vá ao encontro de uma abordagem que possibilite dar sugestões aos professores analisados, de modo que possam desenvolver métodos para que os alunos sejam beneficiados. Logo, como forma de preservar a imagem dos alunos analisados foram usadas siglas para nomeação dos mesmos. As referentes siglas são: A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10.

No decorrer da pesquisa foram desenvolvidas atividades que possibilitaram analisar qual estágio a criança se encontra no processo de aquisição da escrita. Essas atividades se compõem de ditado audiovisual, pois estas, além de permitirem detectar as fases em que as crianças se encontram em relação ao processo de alfabetização, são capazes de chamar a atenção e motivá-las para a realização, já que apresentam um rico componente visual.

Segundo Morais (2012, p. 167):

Ao aplicarmos os ditados de palavras para avaliar o nível de escrita, devemos buscar detectar o que a criança tem como resposta para nossas duas perguntas básicas: 1- o que a escrita representa (ou nota); e 2- como a escrita cria representações (ou anotações)? Portanto, ao olhar o que o menino ou a menina escreve, devemos descobrir resposta ele (a) está adotando para essas questões.

Sendo assim, esse tipo de atividade se faz necessário, já que, possibilita os alunos a chegarem a alguns estágios que são essenciais na aquisição do código

linguístico, possibilitando uma maior diversificação do conhecimento e ainda mais contribuindo para o letramento e reduzindo as chances de fracasso no processo de alfabetização.

## **2.1. Análise de dados e resultados**

Esse trabalho se insere na área da linguística, seguindo uma abordagem qualitativa com base em referenciais teóricos mapeados por meio de levantamento bibliográfico e de descrição analítica de dados configurando um caráter de pesquisa de campo(CHIZZOTTI, 2010). “O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos” (GIL, 1999, p.4 2).

Para dar conta dessa proposta investigativa, aplicamos uma atividade de auto ditado contendo as seguintes imagens: mão, pão, bota, boné, sapato, abacaxi, macaco, boneca e bicicleta. Selecionamos palavras que são classificadas em monossílaba, dissílaba, trissílaba e polissílaba, para identificarmos em qual nível alfabético as crianças pesquisadas se encontram. Para embasamento teórico utilizamos os seguintes autores: Lemle(1991), Ferreiro e Teberosky(1999), Moraes (2012), que estudam o processo de alfabetização e a maneira pelo qual ele pode ser desenvolvido.

No primeiro momento buscamos analisar se durante a graduação a professora estudou algum método de alfabetização. Para nos referirmos à professora pesquisada utilizamos o codinome professora P1. A mesma respondeu que sim, e caracterizou cada um como “o método fônico, linguagem total e o alfabético” (professora P1, 2016).

Desse modo, podemos afirmar que o método fônico de ensino se faz necessário, já que possibilita aos alunos aprenderem a escrita sem nenhuma defasagem no que diz respeito a esse primeiro processo de alfabetização, sendo que alguns estudiosos, como Capovilla(2000), acreditam que o método fônico é mais inovador do que o método construtivista, visto que o mesmo parte de unidades menores, os fonemas, diferente do construtivista, para o qual as unidades mínimas são as palavras.

Para o segundo questionamento, que se refere à forma como a professora trabalha o ensino da leitura e escrita, obtivemos a seguinte resposta: “procuro

trabalhar com brincadeiras como decompor palavras, associar figuras a letras, atividades que envolvam os sons das palavras, jogos de letras, alfabeto móvel entre outros.” (P1, 2006).

Percebemos que a professora indagada entende que tem conhecimento sobre os métodos de ensino, possibilita uma maior diversificação no ensino e aprendizagem e, possivelmente, melhores resultados, principalmente nas séries iniciais. Diante disso, Bizzoto, Aroeira e Porto(2010,p.106) afirmam que:

Um sistema de ensino alfabético quando seu princípio básico é o de que cada som é representado por uma letra. Assim, um conhecimento fundamental que os alunos precisam adquirir no processo de alfabetização é quanto à natureza da relação entre a escrita e a cadeia sonora das palavras que eles tentam ler ou escrever.

Considerando essa perspectiva, se faz necessário que os professores estejam sempre se atualizando, buscando melhoria no quesito ensino e aprendizagem, visto que os métodos de ensino estão sempre se atualizando. Com isso a exigência se torna maior, principalmente quando se trata de professores que trabalham nas séries iniciais, já que estas são à base de todo processo de ensino.

Na terceira pergunta em que procuramos saber se a professora considera importante o desenvolvimento da consciência fonológica para aprendizagem da leitura e escrita, obtivemos a seguinte resposta: “sim, e que o método fonológico permite primeiro descobrir o princípio alfabético, para posteriormente dominar a escrita” (P1, 2016).

Logo, levando em consideração a ótica em que a professora vem afirmando que o método fonológico é melhor do que o método construtivista fica claro que a mesma já possui uma metodologia de ensino baseada nessa nova forma de alfabetizar, que procura aprender as unidades mínimas das palavras, os fonemas, para só depois aprender a palavra. Sobre isso Capovilla (2003, p.41) vem afirmando que:

Pode ser observado, portanto, que as instruções fônicas e metafonológicas para o desenvolvimento da consciência fonológica e aquisição de correspondências grafêmicas. São consideradas de extrema importância para a alfabetização em diferentes idiomas. (Muitos desses países já alteraram suas diretrizes educacionais (equivalentes em importância aos parâmetros Curriculares Nacionais

brasileiros) de modo a integrar as instruções fônicas em seus currículos Nacionais brasileiros) de modo a integrar as instruções fônicas em seus currículos oficiais.

Na quarta pergunta nos preocupamos em saber como a professora estimulava o desenvolvimento da consciência fonológica nos alunos, fazendo com que eles descobrissem as relações existentes entre os sons da fala e as letras. A mesma respondeu: “trabalhar o código alfabético de forma dinâmica, através de atividades lúdicas que levam os alunos a codificar a fala e a escrita e a decodificar a escrita no fluxo da fala e do pensamento”(P1, 2016).

Levando em consideração a resposta da professora, podemos entender a importância de se trabalhar com o lúdico, visto que este possibilita um maior desenvolvimento não só cognitivo, mas também motor, comportamental e expressivo, sendo que a coordenação motora se subdivide em força, equilíbrio, coordenação motora fina, coordenação motora ampla e lateralidade; as habilidades comportamentais são subdivididas em desinibição, socialização, conceitos de saúde, vivências emocionais; já as habilidades expressivas estão ligadas à comunicação com o mundo e com as pessoas, o ritmo e as expressões dramáticas, destreza manual. Somente com o desenvolvimento dessas habilidades os alunos poderão se desenvolver cognitivamente. Sobre esse assunto, Sandra Regina(2012, p.6) vem afirmando que:

Por meio das atividades lúdicas, a criança reproduz muitas situações vivenciadas em seu cotidiano, as quais pela imaginação e pelo faz de conta, são reelaboradas. Estas representações do cotidiano se dão por meio da combinação entre experiências passadas e novas possibilidades de interpretações e reproduções do real, de acordo com suas afeições necessidades, desejos e paixões estas ações são fundamentais para atividade criadora do homem.

Ainda podemos fazer um paralelo entre a resposta da professora com alguns estudiosos como Bizzoto, Aroeira e Porto (2012), pois os mesmos vêm afirmando que,

Desde muito cedo, as crianças já convivem com a língua escrita em seu dia a dia. Essa convivência faz com que elas elaborem estratégias de compreensão e apropriação do sistema de escrita. Se entendermos que é apenas a transcrição de sons em letras, a aprendizagem de uma técnica. Por outro lado, se entendermos que a

escrita é um sistema de representação da língua, sua aprendizagem se voltará para um conhecimento novo.

Levando em consideração essa ótica, podemos entender que a criança, quando chega à escola, já traz conhecimento de mundo que não pode ser descartado pela professora, já que esse conhecimento deve ser trabalhado, pois a criança não é uma caixa vazia que deve apenas ser preenchida, mas sim um ser dotado de conhecimento que chega à escola para se aperfeiçoar.

Na penúltima questão, perguntamos como a professora P1 desenvolvia a alfabetização, se por meio de texto ou das relações entre sons e letras. Pedimos para a mesma justificar a escolha. Ela respondeu que “sempre procura desenvolver a partir das relações entre sons e letras, porque em minha opinião este é o melhor método para alfabetizar” (P1, 2016).

Partindo dessa afirmação da professora, podemos entender que a mesma vem se referindo ao método fônico, já que afirma que tem uma relação entre as menores unidades dotadas de valor, os fonemas, para só depois ir para unidades maiores, as palavras, e com isso o aluno desenvolve a consciência fonológica. Sobre isso, Morais (2012.p, 84) explica que:

“Consciência fonológica” é, na realidade, um grande conjunto ou uma “grande constelação” de habilidades de refletir sobre segmentos sonoros das palavras. A consciência fonológica não é uma coisa que se tem ou não, mas um conjunto de habilidades que varia consideravelmente.

Dessa forma, o aprendiz só tem um bom desenvolvimento em relação à alfabetização quando tiver um avanço em relação a esse estágio da consciência fonológica, pois só a partir disso poderá diferenciar segmentos sonoros na construção das palavras.

Na sexta e última pergunta, procuramos saber se a professora estabelecia uma distinção entre o processo de alfabetização com base nas relações entre sons e letras, e se ela utilizava textos. A professora respondeu que:

Sim, pois as alfabetizações com base no texto e nas relações entre sons e letras permitiam aprender a ler e a compreender o que está lendo, já a alfabetização com base no texto às vezes acontece de forma mecânica, uma vez que se aprende a ler para depois compreender. (P1, 2016)

Mediante a resposta da professora e com base nos estudos dos autores que serviram para a construção desse trabalho, podemos perceber que a mesma, ao responder a pergunta a qual foi questionada, em relação ao processo de alfabetização, comete um equívoco, já que, confundiu o método fônico com o construtivista na relação da palavra com o som. Já que, o método fônico parte de unidades menores os fonemas, diferente do construtivista que parte de unidades maiores as palavras.

Levando em consideração a resposta de P1, Capovilla (2002. P,24) afirma que:

Aos poucos, contudo, cresce a percepção de que o construtivismo na alfabetização não vai a lugar algum, e que o construtivismo na alfabetização sequer flutua. Os 7,4 milhões de crianças que todos os anos abandonam os estudos, soçobrando ao longo da viagem na embarcação construtivista, sem jamais chegar ao porto seguro da graduação do ensino fundamental, são prova contundente de que a embarcação construtivista de alfabetização não leva as crianças a lugar nenhum, com exceção do fundo.

Mediante as respostas da professora P1, dentro do que foi analisado no decorrer dos questionamentos, pode-se afirmar que ela procura fazer o ensino baseado nos modelos inovadores, pois a mesma diz ser mais eficaz nesse primeiro momento de aquisição da escrita, sendo que a professora se mostrou comprometida com seus alunos, já que procura acompanhar o desenvolvimento de cada um individualmente, isso devido também à quantidade de alunos, que são poucos. Com isso, torna-se possível um ensino mais eficaz.

### **2.3. Análise das atividades dos alunos**

Para análise das atividades dos alunos, foram utilizadas nomenclaturas para se referir aos mesmos, como aluno A1,A2,A3,A4,A5,A6,A7,A8, A9 e A10. Então, durante a análise das atividades aplicadas aos 10 alunos buscamos identificar em que estágio as crianças se encontram em relação ao processo de alfabetização.

Podemos perceber nos alunos que os mesmos se encontram na fase alfabética, ou seja, eles já conseguem assimilar sons das palavras, como *sapato* que os alunos A1, A7 e A8 escreveram *çapato*, já os alunos A1 e A8 trocaram o *p* pelo *b*

escrevendo *pota*, *pão* escreveu *bão*, ou seja, os mesmos trocaram uma consoante sonora por uma surda. Os alunos A1, A2 e A10, na palavra *boné*, trocaram a posição do acento agudo, escrevendo *bóne*.

Mediante essas observações, podemos identificar que essas crianças possuem noção da relação entre os sons e as letras, isto é, já conseguem compreender a função da escrita, pois elas já perceberam que as letras servem para identificar os sons, sabem que as sílabas são formadas por diferentes segmentos sonoros e que cada um tem sua função na palavra. Elas já procuram estabelecer uma relação entre a escrita e a fala, ou seja, associar o componente sonoro à escrita, decifrar, fazer leitura com ou sem imagem. Sobre isso Lemle (1991, p.8) vem afirmando que:

O terceiro problema para o aprendiz é a conscientização da percepção auditiva. Se as letras simbolizam sons da fala, é preciso saber ouvir diferenças linguisticamente relevantes entre sons, de modo que se possa escolher a letra certa para simbolizar cada som. A diferença sonora entre palavras pé e fé, por exemplo, está apenas na qualidade da consoante inicial: o (p) é uma consoante oclusiva, enquanto o (f) é fricativa. As palavras **toca** e **doca**, **tia** e **dia** distinguem-se por outras características de suas consoantes iniciais: a consoante (t) é enunciada sem voz, enquanto a consoante (d) é enunciada com voz. **(Grifo nosso)**

Seguindo essa ótica e o que foi analisado nas atividades dos alunos, podemos perceber que estes já tem domínio das relações monogâmicas, em que um som é representado por uma única letra, como as seguintes consoantes, **b, t, d, f, v** e a vogal **a**, sendo que esse aluno comete alguns equívocos, quando troca o **s** pelo **ç**, fica claro que os mesmos não teve um amadurecimento em relação à passagem da primeira hipótese a monogamia em que não há variação em relação ao som das letras, ou seja, uma letra representa um único som, visto que, no outro estágio, a hipótese da poligamia nesse estágio uma mesma letra pode representa diferentes sons, dependendo apenas da sua posição na palavra, como o **s**, em que o aprendiz analisado trocou pelo **ç** na palavra *sapato* escrevendo *çapato*.

Na atividade proposta, havia nove palavras, que eram classificadas em: monossílaba, dissílaba, trissílaba e polissílaba. A maioria dos alunos escreveram todas as palavras, exceto o aluno A6, que não conseguiu escrever as palavras polissílabas, mostrando que o mesmo ainda sente dificuldade quanto aos seguimentos das palavras.

Esse aluno já se encontra numa fase de transição entre a fase silábica alfabética e alfabética, pois o mesmo não reconhece todas às sílabas e seu valor sonoro entre a fala e a escrita, ou seja, ele não conseguiu ainda representar a fala, ainda faz uma correspondência global entre a escrita e a fala, onde, nesse caso, só o próprio aluno sabe o que quis escrever. Segundo Patrícia Gomes (2011, p. 48):

A escrita também se resume a uma produção visual global, como um desenho, que a escolha e a ordenação das letras ainda não estão sob controle dos sons da fala. A manutenção de tal estratégia de leitura logo gráfica exigiria muito da memória visual da criança e acabaria levando a uma série crescente de erros grosseiros, como o de troca de palavras (isto é, paralexia) visualmente semelhantes. Para evitar a cristalização de um estilo de leitura ideovisual, os professores devem ensinar e encorajar a criança a progredir para o segundo estágio.

Mediante a observação da autora, podemos entender que a tarefa de fazer com que os alunos possuam um desenvolvimento adequado em relação a construções das palavras é tarefa do professor, pois este quando é bem preparado poderá desenvolver métodos e técnicas que facilitam o processo de alfabetização, sem deixar nenhuma lacuna.

Para compreendermos melhor e de uma forma geral em que estágio todas as crianças se encontram, construímos um quadro mostrando todas as fases do processo de alfabetização em que as crianças analisadas estão:

**Tabela 3**

Fase pré-silábica	Fase Silábica	Fase Alfabética	Poligamia	Consoante surda e sonora
A6		A1	A3	A1
		A2	A4	
		A3	A5	
		A4	A10	
		A5		
		A7		
		A8		
		A9		
		A10		

Partindo das informações obtidas com aplicação das atividades, pudemos perceber que os resultados foram positivos, já que, dos dez alunos analisados, oito se encontram na fase alfabética, porque entre as doze palavras selecionadas para análise ocorreram poucos equívocos, de modo que o nível de acerto foi acima do esperado, de uma forma geral apresentaram um ótimo desempenho; quatro na fase poligâmica, que já conseguem diferenciar os sons que uma mesma letra pode representar dependendo apenas da sua posição na fala, onde, somente um aluno confunde a consoante surda com a sonora, como na palavra *bota*, que ele escreveu *pota*, ou seja, trocou o P pelo B.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de encontrar resultados que explicassem a dificuldade hoje encontrada pelos professores de língua materna, procuramos observar o 1º ano do Ensino Fundamental I, com intuito de diagnosticar respostas para a real situação enfrentada pelas escolas e professores ao procurarem trabalhar com as séries iniciais. Sendo assim, fez-se necessário o estudo de obras de autores como: Lemle, Cagliari, Capovilla, Soares, Teberosky, entre outros. O estudo dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Língua Portuguesa foi de fundamental importância, na medida em que reafirmaram o destaque que se deve dar ao conhecimento prévio dos alunos e à maneira como eles desenvolvem a escrita, deixando explícita a ideia de que a escola não pode ser agenciadora de preconceito, mas sim de conhecimentos.

Assim, constatamos que a professora analisada nesta monografia, cujo objetivo era investigar se a metodologia usada pela mesma era adequada ou não nesse processo de aquisição da escrita, está usando métodos adequados já que podemos perceber que dos dez alunos analisados oito estão na fase alfabética, o que é condizente com a série em que eles se encontram.

Nesse sentido, percebemos o quanto é relevante para os docentes trabalharem métodos adequados, ainda dá atenção e orientação necessárias para que esses alunos se tornem estudantes audazes, dedicados e interessados pelos estudos e pela escola. Pois é no ensino infantil que as crianças começam a moldar sua personalidade com relação à escola, por isso que sua iniciação deve ser realizada da maneira mais agradável para que não ocorram traumas e demais frustrações.

Logo, diante de tudo que foi exposto, foi observado que a professora analisada consegue mesclar os dois métodos no processo de alfabetização, tanto o fônico que parte de unidades menores, fonemas e letras para as maiores, sílabas e palavras; como o construtivista, que parte da palavra, ou seja, do todo para as sílabas e fonemas.

Assim sendo, no que depender da docente entrevistada, os alunos com quem trabalha não terão esse tipo de problema, pois, pelos depoimentos analisados, ela faz de tudo para ensinar e ao mesmo tempo agradar as crianças. Nesse sentido, acreditamos que os objetivos geral e específico desta monografia foram alcançados.

Além disso, fica-se com a certeza de ter conseguido responder ao problema de pesquisa deste trabalho. Por fim, acreditamos ter realizado um trabalho de conclusão de curso que contribua para o conhecimento de quem procura informações sobre a temática de qual método é mais adequado no processo de aquisição da escrita (alfabetização).

Todavia, concluímos que a formação e prática da docente no Ensino Infantil que atua no colégio Decisão no município de Picos-PI são adequadas para a potencialização do ensino e aprendizado de uma alfabetização adequada dos pequenos, da referida instituição de ensino.

## REFERÊNCIAS

### A - Livros

BIZZOLTO; Inês; AROEIRA; Maria; PORTO; Amélia. **Alfabetização Linguística da Teoria à Prática**. ed.Belo Horizonte: Dimensão, 2010.

CAGLIARI, Luiz. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo. Editora Scipion, 2003.

CAPOVILLA, A.G.S.; CAPOVILLA, F.C. **Alfabetização: Método Fônico**. São Paulo. 3a ed .Menon, 2004a.

CHIZZOTTI ,Antônio. **Pesquisa em Ciências humanas e Sociais**. 2010.

FERREIROS Emília e TEBERROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FLETCHER, Paul; WHINNEY; Brian. **Compêndio da Linguagem da Criança**. Ed. Artes Médicas. Porto Alegre, 1997.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas da Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODAY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Ra e Artigos. São Paulo, 1995.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. 10ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

KATO, Mary. **O aprendizado da Leitura**.São Paulo. LTDA, p. 7-8, 1985.

LAMPRECHET, Regina Ritter. **Aquisição Fonológica do Português**. ed. São Paulo. Atmed, 2004.

LEMLE, Miriam. **Guia Teórico do Alfabetizador**. 6 ed. São Paulo: Ática,1991.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4ª ed. São Paulo. Loyola, 2003.

MORAIS, Artur. **Sistema de Escrita Alfabética: Como estou Ensinando**. São Paulo, Editora Melhoramento Ltda., p, 131, 2012.

### B - Artigos

CAGLIARI. L. C. **Revista Virtual dos estudos da Linguagem**.SãoPaulo, vol. 4, 2006. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/pt/edicoes/>>acesso em 20 de outubro de 2016.

FREITAS, Patrícia Gomes. **Um olhar sobre o método fônico**. 2011. 57p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina – Londrina 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/ceca/.../PATRICIA%20GOMES%20DE%20FREITAS.pdf> acesso em 20 de outubro de 2016.

FONSECA, Maria Camila Moreira. **Avaliação e correlação entre Psicomotricidade e Escrita**. 2015. 79 f. Dissertação de Mestrado – Mestrado em Educação, UNIVÁS, Pouso Alegre, 2015. Disponível em: <<http://www.univas.edu.br/me/docs/dissertacoes2/19.pdf>> acesso em 17 de outubro de 2016

NOGUEIRA, Silvana; SILVA, Priscila. **O processo de Aquisição da Língua Escrita: Fundamentada em Emília Ferreiro e Ana Teberosky**. Disponível. 30 de julho a 01 de agosto de 2014 – Santa Maria/RS – Brasil. Associação Internacional de Pesquisa na Graduação em Pedagogia (AINPGP) em: <<http://www.docplayer.com.br/18562354-O-processo-de-aquisicao-da-lingua-escrita>> acesso em 20 de outubro de 2016

PCNS. **Letras Magna**. Rio de Janeiro, p. 1-12, 2010

## APÊNDICES

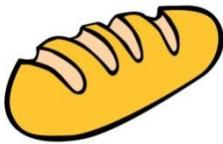
### APÊNDICE A - Atividade/Aluno

ESCOLA \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

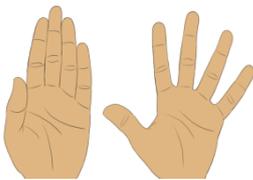
Aluno(a) \_\_\_\_\_ Idade \_\_\_\_\_

Série \_\_\_\_\_

#### Ditado



© Carl Stock Photo - csp7498887



## APÊNDICE B - Questionário/Professor



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
 CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
 CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS

### INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS PARA OS PROFESSORES

#### Bloco 1 – Dados de identificação

Idade:	Sexo: <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino
Nome:	
Localidade em que mora: <input type="checkbox"/> Picos <input type="checkbox"/> cidade da microrregião de Picos. Qual? _____	
Qual a sua formação? _____	

#### Bloco– Questionários com perguntas abertas e fechadas

Elabora atividades diferenciadas de acordo com a dificuldade do aluno

1-Você lembra dos métodos de alfabetização estudados na sua formação? Quais?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2-Quais as estratégias que você costuma utilizar para o ensino da leitura e escrita?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3-Você conhece a importância do desenvolvimento da consciência fonológica para a aprendizagem da leitura e escrita?

( ) Sim

( ) Não

- De que forma?

---

---

---

---

4 – Como você faria para desenvolver a consciência fonológica nos alunos, fazendo com que estes descubram as relações existentes entre os sons da fala e as letras?

---

---

---

---

5 – Em sala de aula, você alfabetiza a partir do texto ou das relações entre sons e letras? Por que?

---

---

---

---

6 – É possível estabelecer uma distinção entre o processo de alfabetização com base nas relações entre sons e letras e a alfabetização que tem como base o texto?

---

---

---

---

Obrigada pela participação

Picos \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

**ANEXOS**

Série 1<sup>o</sup>

Ditado



Bicicleta



abacaxi



boné



Pão



boneca



sapato



mão



botas



macaco

Aluno: A1

Série 1º ano

idade 7 anos

Ditado



bicicleta



abacaxi



bolinha



pão



boneca



sapato



mão



bota



macaca

no: A2

Aluno(a) 1- Ana Idade 7  
 Série Luana

## Ditado



bicicleta



abacaxi



bolinha



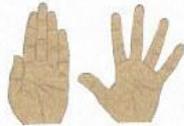
sanda



boneca



sapat



mão



bota



macaco

Aluno: A 3

Aluno(a) Carminha Victoria Idade 6 anos

Série 1º ano

Ditado



bicicleta



abacaxi



bolinha



pão



boneca



sapato



mãos



botas



macaco

Aluno: A4

Série 1<sup>o</sup> Ano

Ditado



Bici



Abacaxi



Bola



Pão



Boneca



Bata



mão



Bota



macaca

Aluno: A5

Série ANO

Ditado



Bi



Abai



Ba



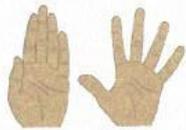
Ma



Bu



Da



Bo



Bo



BA

Aluno: AG

Série 1:190

Ditado



Bicicleta



Abacaxi



Xapém



Pão



Boneca



sapato



mão



Bata



macaco

Número: A7

Série 7

Ditado



Bicicleta



Abacoti



Bola



Bota



Bola de Bola



Mão



Bota



Macaco

Aluno: A8



Série 1º ano

Ditado



bicicleta



abacaxi



bolinha



pão



boneca



sapato



mãos



botas



macaco

Aluno: AG

Série 1ª Trabalho

Ditado



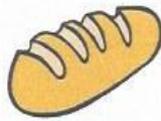
bicicleta



abacaxi



bênis



pão



boneca



sapato



mão



calça



macaco

Aluno: A 10

(X) Picos  cidade da microrregião de Picos, Qual?  Masculino  Feminino

Qual a sua formação? *Licenciatura Plena em Pedagogia*

Bloco - Questionários com perguntas abertas e fechadas

Elabora atividades diferenciadas de acordo com a dificuldade do aluno

1- Você lembra dos métodos de alfabetização estudados na sua formação? Quais?

*Sim, O método fônico, linguagem total e o alfabético.*

2- Quais as estratégias que você costuma utilizar para o ensino da leitura e escrita?

*Brincadeiras como decompor palavras, associar figuras a letras, atividades que envolvem o som das palavras, jogos de letras, alfabeto móvel entre outras.*

3- Você conhece a importância do desenvolvimento da consciência fonológica para a aprendizagem da leitura e escrita?

(X) Sim

( ) Não

• De que forma?

*Sim, pois este método fonológico permite primeiro descobrir o princípio alfabético*

para posteriormente dominar a escrita.

4 - Como você faria para desenvolver a consciência fonológica nos alunos, fazendo com que estes descubram as relações existentes entre os sons da fala e as letras?

Trabalhar o código alfabético de forma dinâmica, através de atividades lúdicas que levam os alunos a codificar a fala e escrita e a decodificar a escrita no fluxo da fala e do pensamento.

5 - Em sala de aula, você alfabetiza a partir do texto ou das relações entre sons e letras? Por que?

A partir das relações entre sons e letras, porque na minha opinião este é o melhor método para se alfabetizar.

6 - É possível estabelecer uma distinção entre o processo de alfabetização com base nas relações entre sons e letras e a alfabetização que tem como base o texto?

Sim pois a alfabetização com base nas relações entre sons e letras permite aprender a ler e compreender e que está sendo já a alfabetização com base no texto muitas vezes acontece de forma mecânica, aprende-se a ler para depois compreender.

Obrigada pela participação  
Picos   /  /



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
 ( ) Dissertação  
 (X) Monografia  
 ( ) Artigo

Eu, Maria Micheli Montano de Alencar,  
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
A aquisição da Escrita por Crianças de seis  
anos de uma escola particular em Picos-PI  
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 17 de agosto de 20 17

Maria Micheli Montano de Alencar  
 Assinatura

Maria Micheli Montano de Alencar  
 Assinatura